

A REPRESENTAÇÃO DO VIRIL NAS CAPAS DE REVISTAS HOMOERÓTICAS COMO FONTE DE REPRODUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

RENAN GOMES DE MOURA

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY (UNIGRANRIO)

MARCUS VINICIUS BARBOSA

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA (USS)

Agradecimento à orgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -

A REPRESENTAÇÃO DO VIRIL NAS CAPAS DE REVISTAS HOMOERÓTICAS COMO FONTE DE REPRODUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Introdução

Com corpos esculturais, virilidade em evidência e a masculinidade hegemônica fortemente expressa. Essas costumam ser as imagens que ilustram as capas de uma revista voltada para todos os tipos de consumidores gays, porém, suas capas são estampadas – na maioria das edições - com homens que possuem raras ou poucas características vinculadas às feminilidades.

Foucault (1976) evidencia que a categoria sexo desempenha um papel regulatório e Butler (2000) expõe que as normas que regulam os sexos agem de forma performativa, constituindo assim uma materialidade dos corpos, mais especificamente, a materialização do sexo no corpo com o objetivo de materializar a diferença sexual a serviço do fortalecimento da “autoridade” da heterossexualidade e tal fato é refletido também entre os gays, pois como relata Tamagne (2013) o gay afeminado é um indivíduo estereotipado, haja vista que esse é impregnado de representações negativas pela sociedade sendo visto como o maior símbolo do fracasso da virilidade. Logo muitos gays procuram adotar comportamentos “másculos” para que não sejam vistos como homossexuais, ou seja, fracassados (TAMAGNE, 2013), uma vez que esses sujeitos reproduzem os valores da matriz heterossexual, o que delimita os padrões a serem seguidos (BUTLER, 2016).

As mídias, bem como as revistas “compõem um lócus especial de análise da ação do discurso e das imagens, modelando corpos e sujeitando-os a uma certa representação do feminino e do masculino” (MATOS; LOPES, 2008, p. 62). Nessa mesma linha de pensamento Simões relata que “as mensagens sociabilizam os públicos, encorajando-os a aceitar os estereótipos de papéis sexuais como normais, óbvios e naturais” (2007, p.64). Ressalta-se também que “a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamentos” (KELLNER, 2001, p. 83), ao qual a publicidade não possui o objetivo de “reinventar” o homem nem tão pouco redefinir o gênero, pois ela simplesmente explora as tendências e as torna visíveis (RECKZIEGEL, 2006). Dentre as revistas homoeróticas voltadas para o público adulto gay, encontrava-se a revista *Mais JR*, que está no mercado desde outubro de 2015, com publicações mensais.

Paglia (1993) salienta que existe um desdém entre os gays com relação aos afeminados devido a apreciação da masculinidade aperfeiçoada, ou seja, aquela forma não afeminada, musculosa e arrogante. Dito isso Matos e Lopes (2008, p.62) observam que “as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas igualmente moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas em nossa sociedade”, e nesse sentido há um modelo de masculinidade entre os homossexuais que são expressas no cotidiano através de práticas sociais e que se sobrepõe sobre as demais (FERREIRA, 2016). Mediante esse contexto questiona-se: *Como as capas de revistas homoeróticas valorizam as características da masculinidade hegemônica?*

A importância desse artigo está em ser esse uma forma de mostrar como as normas que visam regular o sexo possuem caráter performativo, ou seja, possuem o poder de continuar repetindo e produzindo aquilo que nomeiam (LOURO, 2004). Exposto isso o presente artigo propõe-se em analisar como as capas de revistas homoeróticas reforçam e/ou valorizam características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica. Logo, pretende-se com esse trabalho contribuir para os estudos de gênero, uma vez que evidencia outros mecanismos que

influenciam na construção de identidades gays bem como servir de fonte para magazines revejam suas matérias e capas, e então de fato, atendam a todo público gay.

2. Performatividade, Gênero e Corpo

A forma como o corpo do gay masculino foi representada sempre esteve diretamente relacionada com o contexto da heterossexualidade (MENDONÇA, 2010), seguindo assim à normas sociais existentes, nesse artigo o conceito de norma está ancorado no pensamento de Butler (2006) que o explana da seguinte forma:

Uma norma não é o mesmo que uma regra e tampouco é o mesmo que uma lei. Uma norma opera dentro das práticas sociais como o estandarte implícito da normalização. [...] As normas podem ser explícitas, sem dúvida, quando funcionam como o princípio normalizador da prática social, mas em geral permanecem implícitas, são difíceis de ler, os efeitos que produzem são a forma mais clara e dramática mediante a qual se podem discernir (BUTLER 2006, p. 69).

Nesse sentido “corpo estandardizado pelas revistas gays homogeneizam e normatizam, mesmo que implicitamente a corpos e imagem identitária dos homossexuais” (SANT’ANA, 2010, p.15), contudo essa característica não corresponde ao que os teóricos relacionavam a “libertação” gay, pois consideram com um ataque aos estereótipos de gênero, culminando assim em um hierarquia das masculinidades, que fortificou-se devido à violência e preconceito que gays sofriam por parte de homens heterossexuais (CONNELL, 2013). Partindo do exposto é possível pensar a centralidade da performatividade como uma forma do gênero e corpo se constituírem, pois tanto o corpo quanto o gênero são marcados pela performatividade (BUTLER, 2016).

A performatividade não deve ser vista como uma causalidade a-histórica que objetiva determinar o gênero, mas sim como um ato performativo, ou seja, ela destaca a construção do gênero por meio de gestos e representações constituídas de forma ordinária (BUTLER, 2006, p. 185). Grosz (2000), afirma haver uma imbricação entre natureza e cultura quando se refere a constituição do corpo, acarretando assim em uma perspectiva de compreensão da força comunicativa que o corpo possui, ou seja, mesmo sem palavras, o corpo “fala” por meio da corporalidade sendo uma expressão dos lócus da linguagem e da própria vida.

[...] atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2016, p. 194).

Ressalta-se que muitos gêneros são inteligíveis, ou seja, ao se performarem acabam, de certo modo, instituindo e corroborando com a manutenção das relações “coerentes” entre gênero, sexo pratica sexual e desejo, em outras palavras, são gêneros que buscam estabelecer e dar continuidade na íntima relação entre sexo biológico, gênero – que é constituído de forma social e cultural – e manifestação do desejo sexual, por meio das práticas sexuais (BUTLER, 2016). Nesse sentido o corpo apresenta-se “como realidade sexuada e como depositário de princípios e símbolos da divisão sexual (BOURDIEU, 2017, p.18-19).

3. Masculinidade Hegemônica e Virilidade

Connell (1995) afirma que a masculinidade é “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (p.188). Porém deve-se observar que ao abordar a masculinidade deve-se levar em conta que até a construção e denominação dos

corpos em masculino é produto de uma construção histórica e social (CONNELL, 1995; BUTLER, 2016).

Nesse sentido Connell (1995) relata que no âmbito do gênero, as práticas sociais se dirigem aos corpos e é através dessas práticas que as masculinidades são corporificadas “sem deixar de ser sociais. Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) por tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar e assim por diante. (p.189). Nessa mesma linha de pensamento pode evidenciar que a masculinidade é vista como eterna e uma essência atemporal que reside profundamente na identidade de alguns homens e compreendida como uma qualidade que uns homens têm e outros não, sendo essa uma característica inata e que reside na composição biológica dos homens, sendo o resultado da posse de um pênis, ao qual é uma propriedade tangível e transcendente que cada homem deve manifestar no mundo (KIMMEL, 2004).

Embora algumas características foram associadas, em um contexto histórico e social, ao corpo denominado masculino não é possível relatar a existência de uma única masculinidade, mas sim a existência de masculinidades, pois segundo Connell (2003) não existe um modelo único de masculinidade comum a todas as sociedades, considerando que cada sociedade atribui comportamentos diferentes pertencentes aos homens. Contudo, a autora relata que por mais distintas que as sociedades sejam, no que tange a masculinidades, estas compartilham de algumas características em comum, o que a autora chama de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Nixon (2000) evidencia que esse modelo de masculinidade hegemônica, na contemporaneidade, gera um grande desgaste naqueles que buscam reproduzir tal masculinidade em seus corpos e atitudes, considerando que:

Tradicionalmente, a masculinidade se define mais por evitar alguma coisa (...) do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993 p.117).

Nessa mesma linha de pensamento Forth (2013) evidencia que a masculinidade hegemônica busca se firmar através da negação do que é considerado como feminino, ou seja, rejeita todas as características e comportamentos associados às feminilidades, pois para se atingir a masculinidade “pura depende de uma “renúncia perpétua à feminilidade” (2013, p.172). O autor salienta que dentro dessas “renúncias” estão os prazeres ligados a passividade e a exclusão do feminino no interior e no exterior, fazendo com que seja exaltado a aparência física do macho preservando assim ao seu lugar nas estruturas sociais de controle e dominação (FORTH, 2013). Nolasco (1993, p.38) observa também que o estereótipo do macho faz “crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar”.

Para Gomes (2008) a força e o poder sobre aqueles considerados por eles como “mais fracos” (tanto homens como mulheres) são características da masculinidade, bem como a coragem, a atividade (no sentido de ser contrária ao conceito de passividade, inclusive sexual), a potência, a resistência, a invulnerabilidade, entre outras qualidades consideradas culturalmente positivas entre os homens de diversas sociedades, considerando que é a base do modelo aceito de forma sociocultural entre aqueles que desejam ter sua masculinidade atestada.

Ressalta-se que a masculinidade hegemônica oferece uma série de vantagens e consequentemente leva aos homens a terem interesse em cumprir esse papel (HARDY; JIMENEZ, 2001) e em um contexto sexual a masculinidade ocupa o topo da hierarquia, que humilha os outros, os feminizando, e a masculinidade é vista como um elogio e uma característica que leva a glória (ALMEIDA, 1996).

Nesse sentido o falo, constitui-se no símbolo da virilidade, sendo um ponto de honra caracteristicamente masculino, ao qual instituí a diferença entre os corpos, e é no corpo que são marcadas as diferenças, pois na sua frente é o local que dá a diferença sexual, e as costas são

tidas como essencialmente femininas, ou seja, algo submisso e passivo (BOURDIEU, 2017) e muitas vezes motivos de insulto contra homossexuais. Alves (2004) aponta ainda que as culturas que valorizam a masculinidade, o falo é sinônimo de poder e conquista, sendo também o marcador de diferença principal entre os gêneros.

4. Caminhos Metodológicos

As imagens têm desempenhado um papel importante no discurso, assim como a linguagem escrita e oral. Kress e van Leeuwen (1996) afirmam que a análise das imagens se torna crucial para criar melhores entendimento a respeito da linguagem, considerando que as estruturas visuais produzem diversos significados. Na comunicação visual, por meio de imagens, os significados são expressos através de diversos elementos como por exemplo diferentes composições estruturais das cores (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996).

A metodologia adota consiste na Análise Multimodal do Discurso, que segundo Kress e Van Leeuwen (1996) trata-se de uma análise que emprega duas ou mais modalidades semióticas em sua composição, como por exemplo palavras e imagens e obedecendo os seguintes protocolos: *valor da informação*, que se refere à posição dos elementos que conferem valores específicos de informação e são ligados a várias zonas da imagem e *saliência* da imagem que trata à maneira como os elementos que constituem a imagem são produzidos com o objetivo de atrair a atenção dos “*viewer*” em diferentes níveis e fatores tais como por exemplo a colocação em primeiro ou segundo plano etc.

Ressalta-se que a análise do discurso multimodal está fortemente enraizada nas questões que envolvem a metáfora, ao qual Van Leeuwen (2005, p. 30) afirma que a essência da metáfora é a ideia de ‘transferência’, ou seja, de transferir algo de um lugar a outro, na base de uma similaridade percebida entre os dois lugares, sendo assim o conceito de metáfora deve ser visto e compreendido como um conceito multimodal, pois esse pode ser aplicado também aos modos semióticos além da linguagem verbal.

O corpus da pesquisa foi composto pela seleção de 7 capas de uma revista homoerótica voltada para o público gay com publicações bimestrais. Selecionou-se as capas de revistas que abarcaram o período de 2016 a 2019. As categorias de análise consistiram foram: falo e virilidade, corpo e masculinidade, masculinidade e poder. É importante que as categorias de análise emergiram da literatura adotada.

5. Demonstração e Análise do Corpus de Pesquisa

Nessa seção será apresentado o corpus da pesquisa bem como sua análise, que serão expostos por meio de grandes temáticas. O primeiro tema tem como objetivo demonstrar a relação entre falo e virilidade. A segunda seção temática busca compreender a relação entre corpo e masculinidade.

Tema: O falo como compositor da virilidade

A composição do corpus dessa seção consistiu na seleção das capas que demonstram a relação entre virilidade e falo e a supervalorização do falo.



Imagem 1: Abril 2016

Fonte: Revista Mais JR



Imagem 2: Dezembro 2016

Fonte: Revista Mais JR

Na imagem 1 o ângulo que o modelo está posicionado já sugere uma posição fálica e o corpo desse está localizado no fundo, enquanto a bota, que está localizada no local que fica o pênis, está à frente, masculino há uma bota, no mesmo tom de pele do modelo, amarrada em outra bota criando um alongamento desse objeto e um texto que diz “hormônios à flor da pele”. Nota-se que há uma ênfase maior no objeto, ou seja, é possível compreender que a forma como a bota está posicionada cria uma metáfora com o pênis e devido esta apresentar um aspecto alongado denota um órgão sexual masculino com tamanho avantajado. Na imagem 2 também há um homem nu e no local onde se encontra a genitália há uma garrafa escura e de tamanho considerável, na capa ainda há o seguinte texto “tamanho é documento?”, mais uma vez a imagem traz representações do falo superdotado.

Por meio das imagens expostas é possível compreender que a relação entre ser homem e falo é muito forte, uma vez que as imagens demonstram uma valorização do pênis e uma hipervalorização do pênis em tamanhos avantajados, o que fica claro no texto da imagem um e dois. A primeira traz que uma relação entre desejo sexual, por meio dos hormônios e o tamanho do falo. Já a segunda, que levanta um questionamento se o tamanho do pênis é um fator importante, deixa claro que sim, é importante, uma vez que a garrafa colocada onde fica a genitália masculina denota um pênis superdotado.

Por meio da discussão acima é possível verificar que essas capas criam uma valorização do falo e o colocam como o marcador da masculinidade sendo também fonte de conquista, como pode ser observado na frase “tamanho é documento?”, tais fatos dialogam com Alves (2004), pois para esse autor as culturas que valorizam a masculinidade tendem a pôr o falo como sinônimo de poder e conquista e deixando evidente que o “ser homem” está fortemente vinculado ao pênis. Dentro desse contexto o pênis passa também a ser símbolo da virilidade, sendo ele capaz de fazer com que os hormônios masculinos superem a razão, pois estão “A flor da pele”, assim como está estampado na capa da imagem 2. Essa questão pode ser ancorada na afirmação de Bourdieu (2017) ao expor que o falo é uma insígnia da virilidade.

As imagens evidenciam ainda que o a representação do falo não só constrói o corpo biológico, mas também passam a mensagem do gênero como uma categoria normativa como já foi exposto por Matos e Lopes (2008) ao afirmarem que as representações e imagens de gênero fabricam não somente corpos biológicos, mas também fortalecem as regras normativas de gênero, que são disseminadas na sociedade.

Tema: O corpo como marcador da masculinidade

Grande parte das capas das revistas Mais JR. Eram estampadas com homens nus, ou seminus exibindo seus corpos de forma ostensiva, sendo assim essa temática busca desvelar o que há nessas capas e a relação entre corpo e masculinidade.



Imagem 3: Fevereiro 2018

Fonte: Revista Mais JR



Imagem 4: Fevereiro 2019

Fonte: Revista Mais JR

A imagem 3 traz um homem com roupa de banho amarela, na praia chupando um picolé e com o corpo seminus. O modelo está consumido um alimento gelado e com formato fálico, com uma aparência séria e uma das mãos abaixando um lado da sunga, exibindo assim um pedaço do corpo que mostra os pelos pubianos. Por meio da imagem é possível notar também que o modelo que ocupa a capa da revista possui elementos associados a homens heterossexuais como grande quantidade de pelos no corpo e bigode, além de possuir tatuagens de dragão e montanha, socialmente construída como tatuagens masculinas.

Na imagem 4 o modelo está em um fundo cinza e utilizando uma roupa íntima vermelha, o que direciona o olhar para a região em que está localizado o pênis. O corpo do modelo está posicionado de forma simples, sem nenhuma posição considerada socialmente feminina, e, embora, não seja um corpo repleto de pelos, como na imagem 3, este possui uma barba consideravelmente grande e tatuagens com desenhos, socialmente construídos, masculinos bem como os poucos acessórios utilizados.

Em ambas as imagens é possível verificar uma normatização do corpo masculino, ou seja, aquele que possui músculos e pelos, sendo essa uma normatização explícita, pois como relata Butler (2006) as normas estipuladas para o corpo podem ser explícitas ou implícitas,

nesse caso as explícitas são aquelas visíveis e compreensíveis a um “simples” olhar. Contudo as normas implícitas estão na forma como o corpo dos modelos estão posicionados, pois estes seguem uma norma de como homens devem manter a posição de seus corpos, que, de certa forma, são normas que reproduzem comportamentos e atitudes valorizados pela masculinidade hegemônica, o que culmina em evitar que os corpos expressem alguma feminilidade, pois como aponta Badinter (1993) tradicionalmente a masculinidade hegemônica busca evitar tudo aquilo que pode fazer com que homens sejam vistos como femininos, seja na aparência física ou no comportamento.

Tema: Poder e Masculinidade Hegemônica

Em uma das capas é possível observar como se estabelece a relação de poder masculino entre outros sujeitos.



Imagem 5: Julho 2017

Fonte: Revista Mais JR

Na imagem 6 há um homem em pé, seminu, com uma quantidade considerável de pelos no e corpo no peito está “toque-me”. A imagem mostra ainda o modelo puxando o cabelo de outros dois homens, que estão agachados. Por meio da imagem é possível compreender que o modelo central representa o homem como um dominador, que domina todos os outros sujeitos, sejam ele homens ou mulheres, contudo é possível observar que há uma relação de poder ao qual o “macho” domina as “fêmeas”. Fêmeas essas representadas pelos dois modelos agachados, que assim pode ser visto por não possuírem alguns traços associados socialmente a feminilidade, como por exemplo a ausência de pelos. O ato de estarem agachados e sendo puxados pelo cabelo conata uma relação de poder em que esses estão em uma condição de submissão por meio da força, e nesse sentido Gomes (2008) observa que a masculinidade faz com que homens estabeleçam uma relação de poder e força sobre todos aqueles que eles consideram mais fracos, sejam mulheres ou homens. Além das relações de poderes a puxar o cabelo dos outros modelos remete a uma condição de humilhação, pois Almeida (1996) aponta que em um contexto sexual humilhar outros homens faz com que os sujeitos que representam a masculinidade hegemônica se mantenham no topo da hierarquia de gênero.

Tema: A Cisheteromasculinidade como Norma

Um dos pontos que mais chama atenção trata-se dos modelos que ilustram as capas das revistas serem em sua maioria homens heterossexuais, contudo essa informação passa despercebida, uma vez que o olhar é sempre direcionado para os corpos.



Imagem 6: Junho 2018

Fonte: Revista Mais JR



Imagem 7: Edição Premium 2018

Fonte: Revista Mais JR

As duas capas selecionadas, como exemplo, são ilustradas com dois modelos heterossexuais. Na imagem 6 o modelo, que é jogador de futebol, aparece seminu e abaixando a roupa íntima, como se o ato posterior fosse mostrar o pênis, com tudo o fato de não mostrar está relacionado ao ato de provocar o desejo. Já na imagem número 7 o modelo que ilustra a capa é um cantor, também heterossexual, que aparece segurando a sunga e mostrando parte da bunda, assim como na imagem 6, o ato de mostrar parte das nádegas consiste em uma estratégia de criar o desejo. Na imagem 7 o modelo ainda puxa a sunga para cima como se fosse para cobrir o que está a mostra, o que nos leva a propor que a bunda pode ser objeto de desejo, contudo não é uma parte que se deve ficar em evidencia como motivo de orgulho.

As imagens anteriores desvelam como as capas de revistas reproduzem a dominação masculina, uma vez que a imagem 6 há uma valorização do pênis como objeto de desejo, enquanto que na imagem 7 a parte de trás pode ser objeto de desejo, contudo não é motivo de orgulho e tão pouco é valorizada, pois como afirma Bourdieu (2017) o falo é se constitui em um órgão que honra a masculinidade e que marca a diferença entre o corpo feminino e masculino, enquanto a parte de trás é tida como feminina, submissa e passiva, ou seja, as imagens revelam que o feminino pode ser objeto de desejo, porem nunca de honra, uma vez que deve ser escondida. Outro ponto evidente na imagem 6 é como a masculinidade é evidenciada e como é vivenciada, o modelo deixa evidente como a posição do corpo, a postura e a habilidade física, expressa na frase “bate um bolão” reforçam como a masculinidade é corporificada alinhado assim ao pensamento de Connell (1995) ao afirmar que no âmbito do gênero os corpos possuem grande importância, pois por meio deles é possível expressar características socialmente atribuídas a masculinidade.

Por fim o que todas as imagens selecionadas evidenciam é que há uma normatização do corpo e a valorização das características associadas a masculinidade hegemônica o que pode influenciar na construção dos corpos e identidades homossexuais, ao qual Santana (2010) e Kellner (2001) relatam que as revistas destinadas a homossexuais masculinos tende a normatizar e valorizar determinadas características masculinas que, implicitamente, afetam a identidade e a construção dos corpos de gays. Outro ponto observado, em todas as capas de revistas, consistiu em como essas normatizam o corpo seguindo um padrão cisheterossexual masculino, e que quando performadas buscam repetir e produzir um único modo de ser homem, ao qual Louro (2004) expõe que as normas buscam regular o sexo buscando estabelecer o poder de continuar reproduzindo e repetindo o que nomeiam.

Considerações Finais

Retoma-se aqui a pergunta de pesquisa bem como o objetivo final que orientou o presente artigo, sendo eles respectivamente: *Como as capas de revistas homoeróticas valorizam as características da masculinidade hegemônica?* E o objetivo final foi analisar como as capas de revistas homoeróticas reforçam e/ou valorizam características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica.

Por meio do referencial teórico e da pesquisa realizada pode-se perceber que as capas de revista impõem um modelo de masculinidade como objeto de desejo ao qual o corpo valorizado é aquele que possui características associadas a masculinidade hegemônica e a virilidade. Outro ponto importante está em que o objeto de desejo homossexual deve ser sempre o homem heterossexual, nunca outro gay, considerando que 90% das capas das revistas eram estampadas com modelos homens e heterossexuais.

Ao que se parece, a mídia voltada para o público gay está longe de reduzir a reprodução do homem com traços da masculinidade hegemônica e todos aqueles que não se enquadram nesse modelo de “macho” estão destinados a se manterem no gueto da mídia, como é o caso da revista analisada que por meio de suas capas prega a heterossexualização homossexual. As capas dos anos analisados apresentam um corpo que deve ser admirado e como esse corpo deve ser admirado influenciando assim na escolha de quais corpos devem ser desejados, quais são desejáveis e quais não se devem desejar (manifestados na ausência desses) a partir de características comportamentais e físicas ao qual estão vinculadas e reforçam a questão do ser másculo e viril.

As capas das revistas analisadas mostram ainda a cultura da exacerbação de uma performance de masculinidade falsa, de uma performance de virilidade falsa é uma questão problemática, considerando que virou uma ideologia no universo gay. Logo essas capas de revistas tendem a valorizar e enaltecer a heterossexualidade, fazendo com que o ideal gay seja o do macho alfa, dominante e virial, fazendo com que o desejado seja esse semelhante estereotipado.

Notou-se que a revista selecionada para análise preocupa-se em criar no imaginário do seu público o desejo pelo homem potente, e ao mesmo tempo, cria também a necessidade de rejeitar qualquer chance de aproximação com a homossexualidade, em especial com a imagem estereotipada do homossexual, ou seja, o homossexual não másculo e com poucos, ou nenhum, traços de virilidade.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, n.95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004

BADINTER, Elisabeth. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Deshacer el gênero**. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CONNEL, Raewyn W. **Masculinidades**. México: UNAN-PUEG, 2003.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n., janeiro-abril/2013

FERREIRA, Thiago da Silva. Homens que não são homens: a construção do homossexual masculino na revista REALIDADE (1968). In: **XV Encontro Regional De História**, Rio de Janeiro, 2016.

FORTH, Chistopher E. Masculinidades e Virilidades no mundo anglófono. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007. Edição original:1976.

GOMES Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, n.14, 2000.

HARDY, Ellen; JIMENEZ, Ana Luisa. Masculinidad y Gênero. **Revista Cubana Salud Pública**. v.27 n.2 Ciudad de La Habana jul. 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001

KIMMEL, Michael S.. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender Identity. In: MURPHY, Peter F. (Org.). **Feminism and Masculinities**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.

KRESS, Gunther; Van LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. New York: Routledge, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MATOS, Auxiliadora Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.16, n.1, jan-abr, 2008.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Beleza pura: a estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. **FAMECOS**, Porto Alegre, v.17, n.2, 2010.

NIXON, Sean. Exhibiting masculinity. In. HALL, Stuart (org). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London, Sage Publications, 2000.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RECKZIEGEL, José Luís de Carvalho. A publicidade entre o exercício da hetero e da homossexualidade. In: **ACTAS do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO**, v.III, 2006.

SANT'ANA, Tiago. “Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?!” – Corpo e identidade homossexual na revista gay A capa. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Campina Grande/PB, 2010.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. A afirmação do sexo forte: A linguagem da revista masculina. In: **VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia - 2003**, Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, 2003. v. 10

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História da Virilidade: A virilidade em crise?: o século XX e XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotic**. London; New York: Routledge, 2005.